

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CURSO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

VANESSA ALMEIDA MACHADO

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA COMUNIDADE TRADICIONAL
QUILOMBOLA CALDEIRÃO DE UIBAÍ-BA: UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO
SOBRE A MANUTENÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA MEDICINA POPULAR**

**IRECÊ
2025**

VANESSA ALMEIDA MACHADO

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA COMUNIDADE TRADICIONAL
QUILOMBOLA CALDEIRÃO DE UIBAÍ-BA: UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO
SOBRE A MANUTENÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA MEDICINA POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Agroecologia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Ivania Batista de Oliveira
Farias.

**IRECÊ
2025**

VANESSA ALMEIDA MACHADO

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA COMUNIDADE TRADICIONAL
QUILOMBOLA CALDEIRÃO DE UIBAÍ-BA: UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO
SOBRE A MANUTENÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA MEDICINA POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Agroecologia.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

JOSENEIDE ALVES DE MIRANDA

Data: 26/01/2026 11:19:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Me. Joseneide Alves de Miranda- Universidade Estadual de Feira de Santana



Documento assinado digitalmente

RITA MARIA COSTA WETLER TONINI

Data: 27/01/2026 18:24:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Rita Maria Costa Wetler Tonini - UNEB – DCHT - *Campus XXIV* - Irecê



Documento assinado digitalmente

IVANIA BATISTA DE OLIVEIRA FARIAS

Data: 26/01/2026 09:53:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Ivania Batista de Oliveira Farias – UNEB – DCHT - *Campus XVI* - Irecê

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todos os meus ancestrais, pois foi a partir de suas lutas que hoje tenho o privilégio de ser uma mulher preta na graduação pública. Dedico também a minha família e ao meu companheiro, que foram minha fortaleza e apoio durante esse percurso.

Essa vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a espiritualidade que me guiou nesse processo, dando discernimento e equilíbrio para que pudesse desenvolver esse trabalho.

A minha orientadora Prof^ª Dr^ª Ivania que dedicou meses de orientação desde a pesquisa até a escrita. Compartilhando comigo seu conhecimento e tempo, que possibilitaram meu crescimento profissional.

Ao curso de Bacharelado em Agroecologia, o qual me possibilitou sair do comodismo e perceber o campo como um espaço de conhecimento e produção científica, possibilitando assim a sistematização dos saberes empíricos com embasamento científico. E a todos os professores e funcionários que compõem o colegiado do curso que torna possível a educação pública de qualidade.

A minha mãe Nielce que plantou dentro de mim o amor pelos estudos, que mesmo sem escolarização entendeu o poder do conhecimento pode fazer nas nossas vidas, quem me ensinou a ler escrever. Ao meu pai que esteve comigo lado a lado nas pesquisas de campo, sendo meu parceiro nas coletas das plantas e no meu transporte. A que sempre foi minha base desde a educação até o amor pelo estudo, obrigada por serem meu norte nesse plano.

Ao meu companheiro Pedro Henrique a quem sempre acreditou no meu potencial e segurou na minha mão durante todo esse processo acadêmico, sendo ele uma das minhas inspirações.

A comunidade objeto de pesquisa na qual fui recebida nas casas com afeto e muitos saberes compartilhados.

Aos meus amigos que sempre estiveram comigo dividindo as dores e delícias de ser universitários, em busca dos nossos objetivos, obrigado por ser a leveza na universidade durante esses 5 anos.

E a todos os colegas de curso que compartilharam experiências as quais possibilitaram o enriquecimento da nossa formação.

Encerrando esse ciclo levo comigo não apenas o aprendizado, mais também a gratidão para com todos que fizeram parte dessa conquista.

Minha eterna gratidão a todos que foram essenciais nessa construção!

Axé!

EPÍGRAFE

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho teve como tema “Plantas Medicinais Utilizadas na Comunidade Tradicional Quilombola Caldeirão de Uibaí-Ba: Um Estudo Etnobotânico Sobre a Manutenção dos Conhecimentos da Medicina Popular”, esse estudo etnobotânico teve como objetivo geral compreender a utilização de plantas medicinais da caatinga e exóticas no cotidiano local. Tendo como metodologia o aporte quali quantitativo, com a execução de entrevistas semiestruturadas com 24 indivíduos da comunidade quilombola Caldeirão de Uibaí-BA localizada no Território de Identidade Irecê. Foi possível sistematizar 38 espécies utilizadas na medicina popular na localidade, com diversos usos e partes utilizadas nesse processo. As famílias botânicas mais citadas foram Fabaceae e Lamiaceae, destacando-se espécies como *Mentha spicata* (hortelã), *Schinus terebinthifolia* (aroeira), *Amburana cearensis* (umburana de cheiro) e *Rosmarinus officinalis* (alecrim). As folhas foram as partes mais utilizadas nos preparos, seguidos de casca e semente, foi possível observar que esses conhecimentos são transmitidos de forma oral, seja ela geracional ou a partir da vivência com outros moradores. Os resultados evidenciam que o uso de plantas medicinais permanece como forma de tratamento tanto no cuidado com a saúde e para rituais e tradições culturais, porém é necessário a atenção com a manutenção do saber empírico nas gerações mais jovens. A partir da sistematização dessas espécies foi possível a coleta de 6 plantas para a montagem de exsicatas para compor o Herbário da Caatinga da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XVI- Irecê*. Dessa forma esse estudo contribui para a preservação cultural, social, a valorização do bioma Caatinga e o reconhecimento da importância do conhecimento tradicional como ferramenta de resistência e identidade dos povos quilombolas.

Palavras-chave: Medicina popular; Caatinga; Ancestralidade;

ABSTRACT

The present work focused on the theme “Medicinal Plants Used in the Traditional Quilombola Community of Caldeirão de Uibaí-Ba: An Ethnobotanical Study on the Preservation of Popular Medicine Knowledge.” This ethnobotanical study aimed, in general, to understand the use of medicinal plants from the caatinga and exotic species in everyday local life. The methodology adopted was a qualitative-quantitative approach, involving semi-structured interviews with 24 individuals from the Quilombola community of Caldeirão de Uibaí-Ba, located in the Identity Territory of Irecê. It was possible to systematize 38 species used in popular medicine in the locality, with various uses and parts employed in this process. The most frequently cited botanical families were Fabaceae and Lamiaceae, highlighting species such as *Mentha spicata* (spearmint), *Schinus terebinthifolia* (Brazilian peppertree), *Amburana cearensis* (umburana), and *Rosmarinus officinalis* (rosemary). Leaves were the most commonly used parts in the preparations, followed by bark it was possible to observe that this knowledge is transmitted orally, either generationally or through experiences with other residents. The results show that the use of medicinal plants continues as a form of treatment, both in health care and for rituals and cultural traditions. However, attention is needed to maintain empirical knowledge among younger generations. From the systematization of these species, it was possible to collect six plants to prepare exsiccates to compose the Herbarium of the Caatinga at the State University of Bahia (UNEB), Campus XVI - Irecê. Thus, this study contributes to cultural and social preservation, the valorization of the Caatinga biome, and the recognition of the importance of traditional knowledge as a tool for resistance and identity of quilombola communities.

Keywords: Folk medicine; Caatinga; Ancestrality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1- Mapa de localização da cidade Libai no Território de Irecê..... | 3 |
| Figura 2- Mapa de localização da comunidade Caldeirão de Uibaí..... | 4 |
| Figura 3- Espécies mais citadas..... | 13 |
| Figura 4- Exsicata da Jurubebal(A); Exsicata caatinga de porco(B); Exsicata manjeriçã(C); Exsicata hortelã(D); Exsicata aroeira(E); Exsicata hortelã(F); Exsicata quixabeira (G); Exsicata Caatinga de Porco(H)..... | 11 |
| Figura 5- Formas de uso..... | 17 |
| Figura 6- Parte das plantas utilizadas..... | 19 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Etapas de desenvolvimento da pesquisa..... | 5 |
| Tabela 2- Tabela de nomes populares e científicos das plantas medicinais sistematizadas e formas de uso na medicina popular..... | 8 |
| Tabela 3- Frequência de uso (FC)..... | 11 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|---|
| TII | Território de Identidade Irecê |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| UNEB | Universidade do Estado da Bahia |
| FC | Frequência de Citação |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
| 2 METODOLOGIA | 2 |
| 2.1 Materiais e Métodos | 2 |
| 2.2 Análise de Dados | 6 |
| 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 8 |
| 4 CONCLUSÃO | 19 |
| 5 REFERÊNCIAS | 20 |
| 6 ANEXOS | 24 |
| Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 24 |
| Anexo 2 – Questionário elaborado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Ambiental (NEPEA) | 26 |
| Anexo 3 – Catingueira (A); Jurubeba (B); Catingueira(C); Galvão (D e E); Hortelã(F); Folha Jurubeba (G); Guiné(H)..... | 27 |
| Anexo 4– Guiné (A); Hortelã (B); Quixaba (C e F); Aroeira (D e E); Galhos da Quixaba(G); Tronco da Quixaba(H); Frutos e folhas da Quixaba (I e J), Semente da umnurana de cheiro (K e L) | 27 |

1. Introdução

As diversas formas das utilizações das plantas medicinais são realizadas a séculos por comunidades tradicionais, como forma de tratamento paliativos, bem como para a prevenção de diversas doenças. Conhecimentos tradicionais podem demonstrar tanto a história das comunidades como sua relação com os recursos locais. Além disso, fornecem informações que favorecem o manejo e a gestão das espécies, assim como indicam formas de uso e preparo que podem embasar o conhecimento fitoquímico (Barbosa, 2018). Os grupos tradicionais que habitam a região Nordeste, principalmente os da zona rural, da região Semiárida da Caatinga, detêm um conhecimento empírico, o qual é repassado entre gerações, mantendo um vínculo com a flora medicinal (Araújo *et al.*, 2021).

Através da etnobotânica pode se analisar e estudar as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. É por meio dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre usos medicinais de plantas (Santos, 2023).

As informações etnobotânicas sobre plantas medicinais são advindas da contextualização ancestral feita de geração para geração, sobre a potencialidade fitoquímicas das plantas medicinais para com patologias. Tendo questões espirituais ligadas a esse consumo dentro das comunidades, para fortalecimento cultural e da saúde de um povo, que historicamente teve menos acesso a saúde pública. A partir da modernização da saúde e do aumento da produção e disseminação de medicamentos alopáticos foram tomando espaços das plantas medicinais. Surgindo assim a necessidade da conservação e registro dos conhecimentos sobre os métodos de uso.

Ao longo dos anos, a relação entre o ser humano e a natureza foi se modificando e, de certa forma, teve-se um distanciamento através das transformações sociais ocorridas durante os períodos em que marcam a revolução industrial e tecnológica, e o avanço de centros urbanos que sustentam uma lógica de consumo rival com a natureza. Neste sentido, surge a necessidade de reencontrar o equilíbrio, a partir da relação intrínseca entre sociedade-natureza (Soares, 2023).

O resgate do conhecimento relacionados, à medicina tradicional é de grande relevância para manter e valorizar a cultura de comunidades tradicionais, além de servir como ferramenta para uso como recurso terapêutico. A necessidade de resgatar o conhecimento popular acerca do uso de plantas medicinais é indiscutível, uma vez que o uso desta prática se caracteriza como

um dos principais recursos terapêuticos para o tratamento de diversas doenças, de muitas comunidades e etnias (Araújo *et al.*, 2021).

Assim, esse estudo buscou responder a seguinte questão “De que modo as comunidades tradicionais continuam utilizando as plantas medicinais no tratamento e na prevenção das enfermidades?”. Nesse sentido, Pereira e Castro (2021) afirmam que as comunidades sempre produziram conhecimentos acerca dos seus ambientes, os quais, como forma de garantir as suas vivências, são compartilhados nos seus meios sociais. A partir desse pressuposto torna-se fundamental sistematizar os saberes relacionados à interação dos indivíduos com a flora do bioma em que estão inseridos.

No texto “A preservação da cultura popular uibaiense como mote para o trabalho em educação ambiental: uma via de mão dupla”, Pereira e Castro (2021) ressaltam a importância do levantamento sobre os conhecimentos empíricos de um povo, principalmente quando se trata do bioma no qual gerações se multiplicaram e se fixaram.

Esse estudo etnobotânico com enfoque nas plantas medicinais na comunidade quilombola Caldeirão, teve como objetivo compreender a utilização de plantas medicinais da caatinga e exóticas no cotidiano local. Para alcançar esse propósito, foi realizado o levantamento e a sistematização das plantas utilizadas na medicina popular da comunidade, compreendendo as formas de uso praticadas pelos indivíduos, identificando a ligação ancestral e espiritual presente no uso de ervas medicinais e, por fim, relacionar a utilização das plantas medicinais à permanência do camponês no campo.

2. Metodologia

2.2 Materiais e Métodos

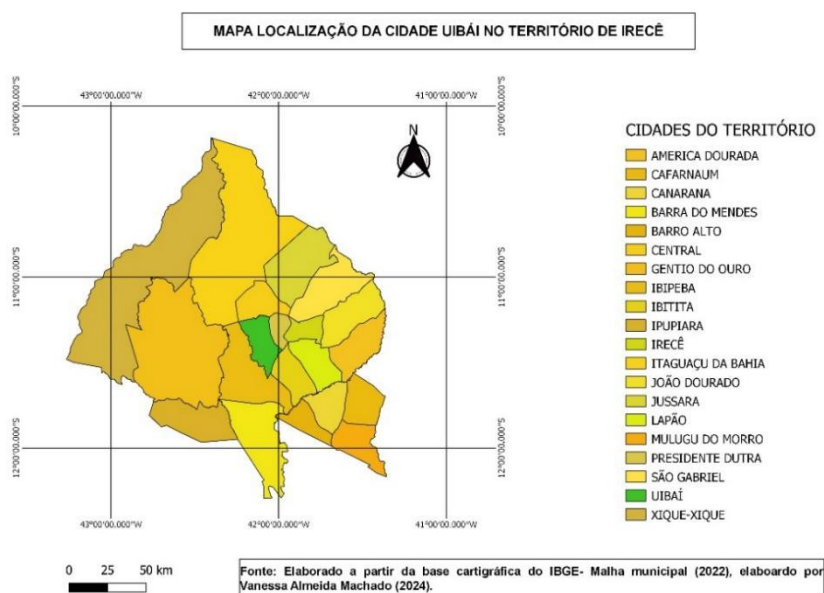
Área de estudo

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Uibaí-Ba (fig.1), que fica localizada no Território de Identidade Irecê (TII), onde segundo o IBGE (2022) conta com uma área territorial de 545,298km² com população residente 13.432 pessoas. É um município cuja zona rural é maior que a urbana, sendo a agricultura familiar uma das principais bases da economia local.

A comunidade quilombola Caldeirão que foi objeto dessa pesquisa, fica localizada a 11km da sede do município, tendo como base da economia a agricultura familiar. O público-alvo foi moradores com faixa etária de 20 a 80 anos de idade, de ambos os sexos. É uma comunidade quilombola, que segundo Martins (2021), obteve o título de quilombola da

fundação Palmares a partir da migração de pessoas vindas de Gentio do Ouro e proximidades, os identificados como “serranos” e aqueles que vieram de Ipirá, Jacobina e proximidades, os chamados “mateiros”, por virem das regiões das Matas, na década de 1950.

Figura 1: Mapa de localização da cidade Uibaí no Território de Irecê.

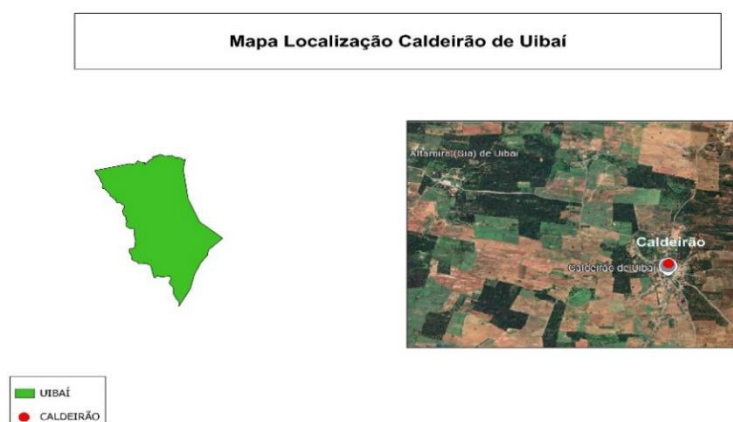


Fonte: Machado, 2024.

Na comunidade tradicional quilombola Caldeirão (fig. 2) existem 132 famílias que residem no local, onde trabalham, na sua maioria, com agricultura e pecuária.

Assim a autora Martins (2021) no livro Caldeirão de Histórias: História Regional e Local registra que desde o início de sua formação, a comunidade a qual é foco desse projeto de pesquisa foi fomentada a partir da agricultura familiar e da resistência de um povo. E ressalta a convivência com o semiárido e a seca, ao citar o brejo de pedra do senhor Joaquim Pereira Machado (Quinção) fundador da comunidade, onde foram plantadas culturas que só se produziam próximos a riachos.

Figura 2: Mapa de localização da comunidade Caldeirão de Uibaí



Fonte: Machado, 2024.

Tipologia da Pesquisa

A pesquisa foi assegurada pelo comitê de ética, aportada pelo parecer n. 7.810.361, os entrevistados estavam cientes e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (modelo em anexo 1). Foi realizado um estudo qualiquantitativa, a partir de entrevistas semiestruturada (modelo em anexo 2) Segundo Machado (2023) com a necessidade da utilização da pesquisa qualitativa e quantitativa em estudos de caso da necessidade de entender as realidades estudadas, aplicando assim a pesquisa qualiquantitativa.

Assim Machado traz:

A escolha da abordagem depende do objeto de estudo a ser realizado. Quando existe acordo no uso das duas abordagens, quantitativa e qualitativa, é formado um enfoque misto, havendo uma dimensão contínua. Ambas são necessárias, mas às vezes são insuficientes para a realidade observada. Isso posto, essas abordagens podem e devem ser usadas no intuito de complementação, em conformidade com o planejamento da investigação que se quer realizar (Machado, 2023 pg.16).

Segundo Richardson (2012), o método quantitativo representa a intenção de garantir a precisão dos resultados possibilitando assim uma margem de segurança quanto as inferências. Já o qualitativo diverge-se no emprego dos instrumentos estatísticos com base em um processo de análise social.

Uma modalidade de transformar dados qualitativos em elementos quantificáveis, bastante empregada por pesquisadores, consiste em utilizar como parâmetros o emprego de critérios, categorias, escalas de atitudes ou, ainda, identificar com que intensidade, ou grau, um conceito, uma atitude, uma opinião se manifestam (Richardson, 2012).

Desse modo para realizar pesquisas de cunho social como essa, com levantamento quantitativo e qualitativo é necessário utilizar do método quali quantitativo. Como afirma Richardson sobre o aporte do método qualitativo ao quantitativo:

No planejamento da pesquisa, a discussão com o grupo que participará da investigação, o uso de entrevistas e a observação podem melhorar a formulação do problema, o levantamento de hipóteses e a determinação da amostra. Na coleta de dados, entrevistas, observações e discussões em grupo podendo enriquecer as informações obtidas, particularmente pela profundidade e pelo detalhamento das técnicas qualitativas (Richardson, 2012 p.88).

Aporte do método qualitativo ao quantitativo:

No planejamento da pesquisa, a utilização de um questionário prévio no momento da observação ou entrevista pode contribuir para delimitar o problema estudado e a informação coletada, permitindo identificar casos representativos ou não representativos em nível grupal ou individual. Na coleta de dados, o questionário prévio pode ajudar a evitar perguntas rotineiras e a identificar características objetivas, como, por exemplo, geopolíticas de uma comunidade, que podem influir no contexto da pesquisa. Na análise da informação, as técnicas estatísticas podem contribuir para verificar informações e reinterpretar observações qualitativas, permitindo conclusões menos objetivas (Richardson, 2012 p.88).

Realizando assim pesquisas a partir de entrevistas guiadas com os indivíduos da comunidade quilombola Caldeirão de Uibaí, localizada no Território de Identidade Irecê (TII). Envolve a elaboração de um mapeamento e sistematização de conhecimentos acerca da utilização de plantas medicinais e sua manutenção dentro da comunidade.

O levantamento dos dados se deu por meio de uma pesquisa através de entrevistas que foi elaborado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Ambiental (NEPEA) como pode ser conferido no Anexo 2, contendo 12 questões abertas, para avaliar o conhecimento acerca da utilização das plantas medicinais tanto as nativas da caatinga como das cultivadas ou exóticas nos quintais dos moradores da comunidade.

A condução desta pesquisa seguiu um conjunto de etapas planejadas, com o objetivo de garantir a sistematização das informações coletadas junto à comunidade de Caldeirão, no município de Uibaí-BA. Cada etapa foi estruturada de maneira a possibilitar a compreensão aprofundada dos saberes locais relacionados às plantas medicinais. O quadro 1 apresenta de forma resumida as principais fases do desenvolvimento da pesquisa.

Quadro 1: tapas de desenvolvimento da pesquisa.

| Etapa | Ação |
|-------|---|
| 1 | Levantamento de informações sobre a comunidade Caldeirão, Uibaí-ba. |

| | |
|---|---|
| 2 | Coleta das entrevistas com as pessoas da comunidade. |
| 3 | Coleta das plantas identificadas na entrevista para a montagem de exsiccatas. |
| 4 | Cruzamento das entrevistas. |
| 5 | Processamento dos resultados. |

Fonte: Machado, 2024.

Na etapa 1 foi realizada a coleta de informações sobre o quantitativo de famílias residentes na comunidade juntamente com a agente de saúde do local. Além do levantamento geral sobre a história da formação da comunidade a partir do livro “Caldeirão de Histórias”, buscando também informações sobre a base econômica da comunidade.

A partir da etapa 2 foi feita a coleta das entrevistas com os moradores da comunidade, fazendo assim o levantamento das plantas utilizadas e os modos de uso. Na etapa 3 a partir dos resultados das entrevistas, foi coletado as plantas nativas da caatinga e as cultivadas para montagem de exsiccatas. Após isso, na etapa 4 foi realizado o cruzamento de todas as informações, para avaliar a proporção do uso das plantas medicinais, e por fim na etapa 4 o processamento dos resultados a partir de métodos qualitativos e quantitativos.

A pesquisa envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com 24 indivíduos, tendo faixa etária dos 20 a 80 anos de idade, desses 22 são mulheres e 2 homens, o que evidencia a predominância feminina entre os participantes. Assim, é de suma importância para pesquisas qualitativas como essa que o público-alvo seja a partir da amostragem intencional. Segundo Albuquerque *et al* (2019), a amostragem intencional seleciona indivíduos para entender fenômenos estudados com embasamento do conhecimento prévio do ambiente estudado. Dessa forma é necessário escolher alguns informantes chaves, os quais tenham maior conhecimento sobre o assunto abordado.

Por se tratar de uma pesquisa quali-quantitativa foi realizado um levantamento da frequência de citação de cada espécie (quantas vezes cada planta foi mencionada). Os dados quantitativos foram organizados em tabelas e com eles, elaborados gráficos. A interpretação dos dados qualitativos se deu por meio de análise de conteúdo, destacando os saberes tradicionais, a relação da comunidade com as plantas e aspectos culturais associados ao uso medicinal.

O tratamento e a organização dos dados foram feitos em planilhas (Excel ou Google Sheets). Para a transcrição o software Word ou programas de transcrição foram usados para a organização textual.

As informações coletadas em entrevistas foram transcritas integralmente em formato de texto. Foram registradas as espécies citadas, seus nomes populares, partes utilizadas, formas

de preparo e usos medicinais. As espécies identificadas foram conferidas em bancos de dados botânicos (Flora do Brasil e Reflora) para validação científica dos nomes e famílias botânicas.

2.3 Análise de Dados

Para uma análise correta de dados é necessário a escolha adequada da abordagem no levantamento de dados durante a pesquisa.

As questões geradas a partir da pesquisa quantitativa pode ser explicada pela qualitativa, confirmando assim as hipóteses a partir de um estudo quantitativo em uma determinada população. Segundo Albuquerque *et al* (2019) no método quantitativo-qualitativo existe o complemento, enquanto o quantitativo apresenta os níveis da realidade (dados demonstram o sentido) e o qualitativo tornam essas informações compreensíveis.

As informações obtidas a partir das coletas de dados durante as entrevistas sobre a utilização das plantas medicinais foram analisadas a partir das fórmulas da frequência relativa de citação (FRC), sendo elas ($FRC = NF/C$) ou ($FRC (\%) = NF/C \times 100$). Os dados obtidos sobre as plantas medicinais durante as entrevistas foram organizados e analisados por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, com o apoio do programa Microsoft Excel. As informações foram dispostas em gráficos e tabelas, apresentando frequências absolutas e relativas, com o objetivo de caracterizar a amostra.

Nas pesquisas de natureza mista, características dos métodos qualitativos e quantitativos são integradas. Projetos de pesquisa mistos podem ser de natureza sequencial (em primeiro lugar, efetua-se uma pesquisa quantitativa e, posteriormente, uma pesquisa qualitativa, ou o inverso) ou concomitante (as coletas de dados ocorrem ao mesmo tempo) (Bueno, 2018).

Posteriormente as espécies levantadas nas coletas de dados foram comparadas com a literatura especializada, a fim de dialogar com estudos etnobotânicos sobre a tradicional utilização de plantas medicinais, visando assim a validação dos conhecimentos empíricos. Essas espécies foram dispostas em tabelas com nome popular, científico, família e suas formas de uso.

Segundo Armozo *et al.* (2010) cabe aos pesquisadores etnobiológicos familiarizar-se com as características antropológicas da relação existente na comunidade a ser pesquisada.

A etnoecologia tem como interesse central captar as diferentes dimensões e aspectos da inter-relação de grupos humanos e o ambiente natural, bem como os processos que levam a mudanças nessa relação ao longo do tempo (Armozo, 2010).

Segundo Armozo *et al.* (2010) todo o processo de pesquisa afetará o tratamento e a análise dos dados, desde a coleta dos dados, compactação de informações e as análises para assim dessa forma realizar uma avaliação final criteriosa e qualitativa. Dessa forma a comparação é a principal ferramenta para analisar as informações coletadas.

3. Resultados e Discussões

A partir dessa pesquisa foram realizadas 24 entrevistas com moradores da comunidade quilombola Caldeirão, Uibaí-BA. A partir desse levantamento foi possível observar a citação de 38 espécies botânicas (tabela 1), sendo 16 nativas do bioma caatinga e 22 espécies exóticas/cultivadas. As famílias botânicas mais citadas foram a *Fabaceae* e a *Lamiaceae*, relatando assim a importância dessas famílias botânicas dentro do contexto da comunidade estudada.

Tabela 1: Tabela de nomes populares e científicos das plantas medicinais sistematizadas e formas de uso na medicina popular

| Nome Popular | Nome Científico | Família | Utilização terapêuticas |
|--------------------|------------------------------------|----------------------|--|
| Hortelã | <i>Mentha spicata</i> | <i>Lamiaceae</i> | Gripe e resfriado, gases, dores intestinais, vermes, dor de barriga, dor de cabeça. |
| Gengibre | <i>Zingiber officinale</i> | <i>Zingiberaceae</i> | Gripe, resfriado, dor nas articulações, digestão. |
| Umburana de Cheiro | <i>Amburana cearensis</i> | <i>Fabaceae</i> | Má digestão, enjoo, intoxicação alimentar, gripes, resfriados, ferimentos. |
| Aroeira | <i>Schinus terebinthifolia</i> | <i>Anacardiácea</i> | Inflamações, infecções ginecológicas, garganta inflamada, anti-inflamatório. |
| Barbatimão | <i>Stryphnodendron adstringens</i> | <i>Fabaceae</i> | Infecções uterinas e diversas. |
| Babosa | <i>Aloe vera</i> | <i>Asphodelaceae</i> | Ferimentos, queimaduras, problemas intestinais e estomacais, vermes, azia e constipação. |
| Malvão | <i>Plectranthus amboinicus</i> | <i>Lamiaceae</i> | Infecções urinárias e de garganta, feridas e queimaduras. |
| Alecrim | <i>Rosmarinus officinalis</i> | <i>Lamiaceae</i> | Gripe, infecção, inflamação, calmante, dores articulares, cicatrizante, queda de cabelo. |
| Boldo | <i>Peumus boldus</i> | <i>Monimiaceae</i> | Problemas de estômago, má digestão. |
| Pajaú | <i>Triplaris gardneriana</i> | <i>Polygonaceae</i> | Diarreia. |

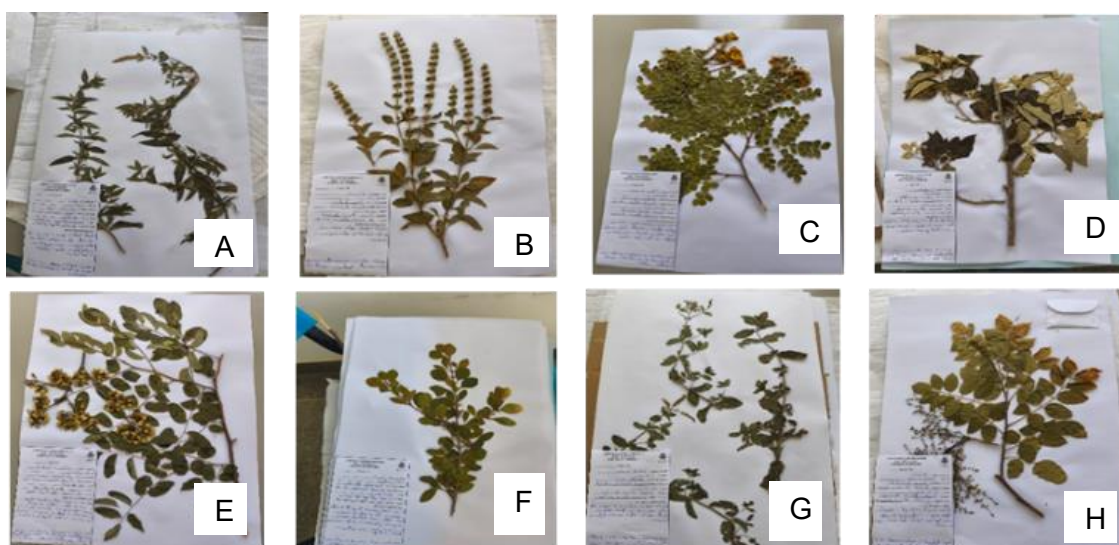
| | | | |
|-------------------|---------------------------------|-----------------------|---|
| Guiné | <i>Petiveria tetrandra</i> | <i>Phytolaccaceae</i> | Banhos para pessoas com AVC, derrames. |
| Erva-Cidreira | <i>Melissa officinalis</i> | <i>Lamiaceae</i> | Calmante, dores de cabeça, resfriados. |
| Caatinga-de-porco | <i>Caesalpinia pyramidalis</i> | <i>Fabaceae</i> | Má digestão, inflamações, dores de estômago. |
| Quixabeira | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> | <i>Sapotaceae</i> | Infecções urinárias. |
| Quebra-Fação | <i>Croton conduplicatus</i> | <i>Euphorbiaceae</i> | Má digestão. |
| Jurema Preta | <i>Mimosa hostilis</i> | <i>Fabaceae</i> | Ferimentos, anti-inflamatório. |
| Jurubeba | <i>Solanum paniculatum</i> | <i>Solanaceae</i> | Gripes, fortalecimento geral. |
| Moleque duro | <i>Varronia leucocephala</i> | <i>Boraginaceae</i> | Banhos em recém-nascidos (“para moleza”). |
| Carapiá | <i>Dorstenia cayapia</i> | <i>Moraceae</i> | Gripes, xaropes para bronquite. |
| Velame | <i>Croton heliotropiifolius</i> | <i>Euphorbiaceae</i> | Problemas respiratórios, inflamações. |
| Arruda | <i>Ruta graveolens</i> | <i>Rutaceae</i> | Gripe, cansaço, rouquidão, problemas respiratórios. |
| Camaçari | <i>Caraípa densifolia</i> | <i>Guttiferae</i> | Dor e inflamação na garganta. |
| Erva-Doce | <i>Pimpinella anisum</i> | <i>Apiaceae</i> | Prisão de ventre. |
| Melissa | <i>Melissa officinalis</i> | <i>Lamiaceae</i> | Calmante, pressão alta. |
| Capim Santo | <i>Cymbopogon citratus</i> | <i>Poaceae</i> | Calmante, chás para ansiedade e gripe. |
| Limão | <i>Citrus x limon</i> | <i>Rutaceae</i> | Gripe, digestão, azia, uso em chás e sucos. |
| Juá | <i>Ziziphus joazeiro</i> | <i>Rhamnaceae</i> | Gripe, limpeza bucal. |
| Mastruz | <i>Dysphania ambrosioides</i> | <i>Amaranthaceae</i> | Gripe, vermes, tosse. |
| Jatobá | <i>Hymenaea courbaril</i> | <i>Fabaceae</i> | Fortificante, tosse, bronquite. |
| Penicilina | <i>Alternanthera brasiliana</i> | <i>Amaranthaceae</i> | Dor de cabeça. |
| Eucalipto | <i>Eucalyptus obliqua</i> | <i>Myrtaceae</i> | Gripe, sinusite, rinite, problemas respiratórios. |
| Moringa | <i>Moringa oleifera</i> | <i>Moringaceae</i> | Fortalecimento do organismo, anemia. |

| | | | |
|---------------------|--------------------------------|-------------------|--|
| Anjico | <i>Anadenanthera colubrina</i> | <i>Fabaceae</i> | Ferimentos e inflamações. |
| Capim Cidreira | <i>Cymbopogon citratus</i> | <i>Poaceae</i> | Calmante, chás para ansiedade e gripe. |
| Folha da Goiabeira | <i>Psidium guajava L</i> | <i>Myrtaceae</i> | Problemas intestinais, diarreia. |
| Mulungu | <i>Erythrina mulungu</i> | <i>Fabaceae</i> | Calmante natural. |
| Camomila | <i>Matricaria recutita</i> | <i>Asteraceae</i> | Calmante, digestão. |
| Alfavaca | <i>Ocimum gratissimum</i> | <i>Lamiaceae</i> | Tratamento dos sintomas da gripe. |
| Folha de Laranjeira | <i>Citrus sinensis</i> | <i>Rutáceas</i> | Utilizado para sintomas gripais |

Fonte: Criada pelos autores, 2025.

Após o registro das espécies utilizadas na medicina popular na comunidade através das entrevistas, foi possível a coleta de 6 plantas para a confecção de exsicatas de exemplares da flora da caatinga (fig.3) para compor o Herbário da Caatinga da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus XVI- Irecê*. Essas coletas permitiram a confirmação botânica dessas espécies fomentando assim o conhecimento empírico da comunidade. Assim foram coletadas exsicatas das espécies *Schinus terebinthifolia*, *Solanum paniculatum*, *Amburana cearenses*, *Caesalpinia pyramidalis*, *Mentha spicata*, *Sideroxylon obtusifolium*. No entanto não foi possível outras coletas pela problemática da falta de floração nas demais espécies que foram citadas no uso na medicina popular da comunidade, provavelmente pela drástica estiagem que acometeu o Território de Identidade Irecê no ano de 2024.

Figura 3: Exsicata da Jurubeaba(A); Exsicata caatinga de porco(B); Exsicata manjerição(C); Exsicata hortelã(D); Exsicata aroeira(E); Exsicata hortelã(F); Exsicata quixabeira (G); Exsicata Caatinga de Porco(H).



Fonte: As figuras A,B,C,D,E,F,G,H são de arquivos pessoais, 2024.

As plantas mais citadas a partir do cálculo de frequência de citação (FC) (tabela 2) o qual mede a importância de cada espécie, foram a *Mentha spicata* (hortelã), *Schinus terebinthifolia* (aroeira), *Amburana cearensis* (umburana de cheiro) e *Rosmarinus officinalis* (alecrim). A partir desse resultado foi possível observar a utilização de plantas nativas da caatinga e a prática de cultivo e utilização de plantas medicinais exóticas principalmente pela faixa etária mais nova dos entrevistados. As plantas medicinais exóticas, são encontradas nos quintais dos indivíduos os quais relataram seu uso, sendo dessa forma uma aplicação acessível, o que evidencia o maior uso na faixa etária mais jovem entrevistada.

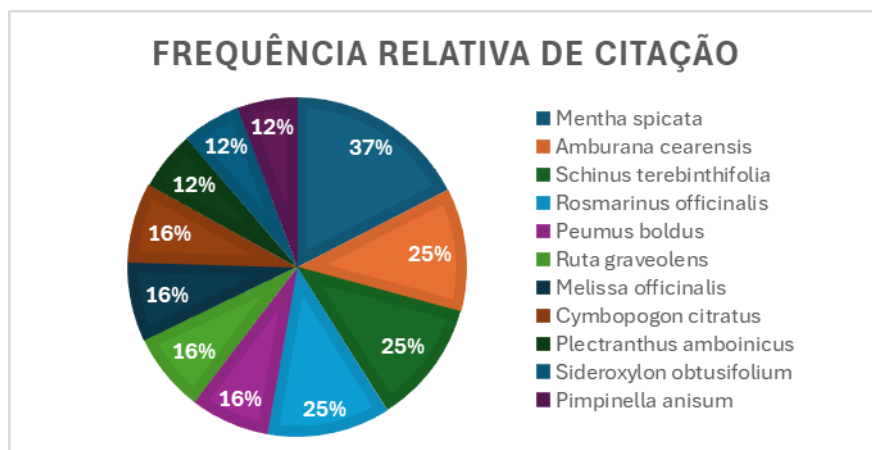
Tabela 2: Frequência Relativa de Citação (FRC).

| Nome Popular | Nome Científico | Frequência Relativa de citação | Porcentagem |
|--------------------|------------------------------------|--------------------------------|-------------|
| Hortelã | <i>Mentha spicata</i> | 0,37 | 37% |
| Gengibre | <i>Zingiber officinale</i> | 0,04 | 4% |
| Umburana de Cheiro | <i>Amburana cearensis</i> | 0,25 | 25% |
| Aroeira | <i>Schinus terebinthifolia</i> | 0,25 | 25% |
| Barbatimão | <i>Stryphnodendron adstringens</i> | 0,04 | 4% |
| Babosa | <i>Aloe vera</i> | 0,12 | 12% |
| Malvão | <i>Plectranthus amboinicus</i> | 0,12 | 12% |
| Alecrim | <i>Rosmarinus officinalis</i> | 0,25 | 25% |
| Boldo | <i>Peumus boldus</i> | 0,16 | 16% |
| Pajaú | <i>Triplaris gardneriana</i> | 0,04 | 4% |
| Guiné | <i>Petiveria tetrandra</i> | 0,04 | 4% |
| Erva-Cidreira | <i>Melissa officinalis</i> | 0,16 | 16% |
| Caatinga-de-porco | <i>Caesalpinia pyramidalis</i> | 0,08 | 8% |
| Quixabeira | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> | 0,12 | 12% |

| | | | |
|--------------------|---------------------------------|------|-----|
| Quebra-Faço | <i>Croton conduplicatus</i> | 0,04 | 4% |
| Jurema Preta | <i>Mimosa hostilis</i> | 0,08 | 8% |
| Jurubeba | <i>Solanum paniculatum</i> | 0,04 | 4% |
| Moleque duro | <i>Varronia leucocephala</i> | 0,04 | 4% |
| Carapiá | <i>Dorstenia cayapia</i> | 0,04 | 4% |
| Velame | <i>Croton heliotropiifolius</i> | 0,04 | 4% |
| Arruda | <i>Ruta graveolens</i> | 0,16 | 16% |
| Camaçari | <i>Caraípa densifolia</i> | 0,08 | 8% |
| Erva-Doce | <i>Pimpinella anisum</i> | 0,12 | 12% |
| Melissa | <i>Melissa officinalis</i> | 0,16 | 16% |
| Capim Santo | <i>Cymbopogon citratus</i> | 0,16 | 16% |
| Limão | <i>Citrus x limon</i> | 0,08 | 8% |
| Juá | <i>Ziziphus joazeiro</i> | 0,04 | 4% |
| Mastruz | <i>Dysphania ambrosioides</i> | 0,04 | 4% |
| Jatobá | <i>Hymenaea courbaril</i> | 0,04 | 4% |
| Penicilina | <i>Alternanthera brasiliana</i> | 0,08 | 8% |
| Eucalipto | <i>Eucalyptus obliqua</i> | 0,04 | 4% |
| Moringa | <i>Moringa oleifera</i> | 0,04 | 4% |
| Angico | <i>Anadenanthera colubrina</i> | 0,08 | 8% |
| Folha da Goiabeira | <i>Psidium guajava L</i> | 0,04 | 4% |
| Mulungu | <i>Erythrina mulungu</i> | 0,04 | 4% |
| Camomila | <i>Matricaria recutita</i> | 0,04 | 4% |
| Alfavaca | <i>Ocimum gratissimum</i> | 0,08 | 8% |
| Laranjeira | <i>Citrus sinensis</i> | 0,04 | 4% |

A partir dos cálculos de FRC foram abordadas as formas de uso das quatro espécies mais citadas de acordo com o gráfico 1 sendo realizada a revisão bibliográfica do uso das plantas medicinais, para assim realizar o embasamento da utilização empírica das plantas medicinais usadas na medicina popular na comunidade Caldeirão.

Gráfico 1: Espécies mais citadas.



Fonte: Criada pelos autores, 2025.

A *Mentha spicata* (hortelã) é originária da Europa e região mediterrânea, sendo cultivada amplamente no território brasileiro (Santos; Cordeiro, 2020), dessa forma foi a espécie mais citada pelos indivíduos da comunidade, tendo a FRC de 0,37. Assim foram levantados os seguintes usos na medicina popular da espécie *Mentha spicata* é amplamente utilizada no tratamento dos sintomas gripais e resfriados, má digestão e gases intestinais, dor de barriga, enxaqueca, no tratamento de verminos, além de ser consumida como condimentos alimentícios na culinária popular e é conhecida popularmente na comunidade estudada como hortelã graúda ou menta.

A hortelã é uma das ervas aromáticas com diversas aplicações, com foco em alimentos e óleos essenciais, sendo uma das 30 ervas do gênero *Mentha*. As folhas de hortelã são estudadas pelas suas propriedades médicas e alimentares (Silva; Liberato, 2023).

Segundo Zaidi e Dahiya (2015) o óleo essencial da *Mentha spicata* testado *in vitro* teve ações antibacterianas, principalmente sobre bactérias gram positivas. Assim, a análise fitoquímica preliminar desse estudo revelou a presença de flavonoides, saponinas, glicosídeos cardíacos, açúcares redutores e esteróides. Dessa forma, estudos como esses vem na contraprova para validar os conhecimentos tradicionais.

O fator antibacteriano da *Mentha spicata* explica a utilização popular no tratamento de sintomas da gripe e resfriados, além dos problemas estomacais citadas pelos moradores da comunidade.

A hortelã apresenta atividade antioxidante representativa a partir do uso de chás, assim segundo Carvalho (2019) o maior potencial antioxidante se correlacionou com a presença do maior teor de compostos fenólicos, nesse estudo não se evidenciou qual a forma de utilização contém a maior concentração da ação antioxidante presente na espécie. As propriedades da hortelã são intimamente relacionadas aos seus compostos, principalmente o mentol (Silva; Liberato, 2023).

Dessa forma, o uso tradicional nas comunidades tradicionais pode validar a eficácia fitoquímica das plantas medicinais. Evidenciando assim a necessidade do compartilhamento dos conhecimentos populares etnobotânicos com foco nas plantas medicinais, pois os anciões das comunidades têm saberes empíricos sobre a quantidade a ser utilizada nos tratamentos que a partir disso se tem aderência e resultados positivos nessa utilização.

A *Schinus terebinthifolia* conhecida popularmente como aroeira foi a segunda espécie mais citada tendo a FRC de 0,25, a espécie pertence à família Anacardiaceae (Embrapa, 2003).

A planta se destaca pela sua performance terapêutica, sendo amplamente distribuída em regiões tropicais e subtropicais, e é originária da América do Sul, nativa do Brasil, Paraguai, Uruguai e leste da Argentina (Cunha *et al.*, 2025). A aroeira é amplamente utilizada no tratamento de inflamações e infecções, sejam elas vaginais ou de garganta. O público-alvo dessa pesquisa citou a utilização no tratamento de infecções principalmente as ginecológicas e do trato respiratório, sendo citada a utilização de gargarejo (a partir das cascas embebidas na água até a tintura vermelha colorir o líquido) e banhos de acento para os tratamentos populares ginecológicos sendo considerada anti-inflamatória.

Assim Minniel traz:

A abordagem fitoquímica permitiu observar uma variedade de classes de substâncias presentes nas folhas e frutos da espécie vegetal, tais como, taninos, alcalóides, flavonoides. Em relação aos bioensaios, a espécie *Schinus terebinthifolia*, apresentou atividade antifúngica contra *Candida albicans* e *Candida glabrata* quando utilizados extratos etanólicos (Minnel; Mininel, 2025 p.19)

Segundo Braga *et al* (2025) através de pesquisas foi possível observar a composição do fruto maduro de aroeira que apresenta atividade antimicrobiana, na qual foram identificados

os constituintes saponinas e flavonoides, o que favorece a potencialidade antioxidante do fruto da *Schinus terebinthifolia*. contribuindo para a propriedade antioxidante.

Dessa forma a utilização para tratamentos de inflamações na medicina popular está na perspectiva correta, pelo alto índice de uso na localidade estudada, porém é necessária a pesquisa da toxicidade da espécie, pois a partir dos relatos sua utilização é apenas para gargarejos e banhos de assento, os quais não é indicado a ingestão diretamente do chá ou tintura.

Na comunidade objeto de pesquisa os moradores utilizam em suma a casca da *Schinus terebinthifolia*, assim segundo os estudos de Brito (2022) observou que a casca da espécie tem ação antimicrobiana, com efeito comprovado no controle de crescimento de bactérias, a partir dessa relação antimicrobiana analisou-se o efeito de inibição às cepas *Staphylococcus aureus* no extrato alcoólico.

O *Rosmarinus officinalis* pertence à família *Lamiaceae*, conhecido popularmente como Alecrim, é uma espécie exótica nativa do mediterrâneo (Reflora, 2021). Obteve 0,25 na FRC, dessa forma sendo também uma planta amplamente utilizada na comunidade. Foi mencionada a utilização do alecrim para os tratamentos de gripes, resfriados, alergias, para melhorar a digestão, usado como anti-inflamatório. Além de ser empregado na gastronomia como temperos e para banhos vinculado a tratamentos espirituais.

Segundo Santos *et al.* (2023) a partir de estudos em extratos hidroalcoólicos do *Rosmarinus officinalis* apresentou resultados que indicam o fator antimicrobiano da espécie perante as cepas de bactérias estudadas, onde foi verificada a alta sensibilidade de bactérias Gram positivas, entre elas *S. aureus*, *Micrococcus* sp.e *Sarcina* sp;.

Peres e colaboradores trazem:

Os compostos químicos encontrados na espécie são os principais fatores atividades biológicas. Assim, os testes realizados como a análise fitoquímica, foi possível encontrar cinco das principais classes de metabolitos secundários: alcaloides, depsídeos e depsídonas, taninos, açúcares redutores e cumarinas (Peres *et al*; 2021 p.75).

Assim Peres *et al* (2021) conclui que o composto fenólico nos testes a partir dos extratos brutos etanólico apresentou atividade antioxidante que possui a capacidade de inibir a produção de radicais livres, sendo assim um potencial para a utilização em fitoterapias para tratamentos de doenças crônicas.

Os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo e comparadas a bibliografia sobre a fitoquímica do *Rosmarinus officinalis* demonstra a importância da espécie para a comunidade e valida sua utilização a partir das citações das formas de tratamentos empregados a partir da planta. A diversidade de aplicações referidas nas entrevistas demonstra a amplitude do conhecimento tradicional presente na comunidade, que visualiza a planta não apenas como um recurso natural, mais também como um elemento de cura e cultura popular que permeia desde o cuidado com a saúde até a produção de refeições na culinária.

Além desses fatores, achados de compostos bioativos, como fenóis, taninos e cumarinas, fornecem à espécie potencial farmacológico, validando assim seu uso na medicina popular no tratamento de doenças respiratórias, digestivas e inflamatórias. Tais resultados conversam com os achados de Santos et al. (2023) e Peres et al. (2021), no qual confirma a atividade antimicrobiana e antioxidante do alecrim, fortalecendo sua relevância como planta medicinal.

A *Amburana cearenses*, conhecida popularmente como umburana de cheiro, pertence à família *Fabaceae*, nativa do bioma caatinga (Reflora, 2021). Teve FRC de 0,25 sendo empregada na medicina popular da localidade no tratamento para diminuir os sintomas de intoxicação alimentar, enjoo, indigestão, doenças respiratórias, como asma, bronquite, resfriados, tosse, dores de barriga, dores reumáticas.

O extrato aquoso das sementes de *Amburana cearensis* apresentou efeito antiedematogênico no modelo experimental utilizado e nas concentrações testadas, sugerindo potencial aplicação para fins terapêuticos (Lima et al., 2013). Apontando assim a utilização da *Amburana cearensis* no tratamento de edemas.

Segundo Lima et al. (2013) o extrato aquoso estudado da *Amburana cearenses* demonstrou ação tóxicas e mutagênicas das células cultivadas. Esse resultado reforça o conhecimento popular, onde se observa a precaução na utilização da espécie, seja na forma de chás ou a semente torada diretamente.

De acordo com as entrevistas foi possível compreender que a utilização das sementes da *Amburana cearensis* é cercada de cuidado, sendo recomendada em números ímpares, torradas e sem a casca, além de evitar a cocção das mesmas justamente para reduzir possíveis efeitos tóxicos. Esses conhecimentos trazem a força dos saberes empíricos etnobotânicos com foco nas plantas medicinais dentro das comunidades tradicionais e rurais.

A partir dos estudos de Silva e Lopes (2022) dos extratos hidroalcoólicos das sementes, folhas e frutos *Amburana cearenses* foi possível constatar que o extrato do fruto da espécie apresenta um efeito bactericida contra diversas espécies de microrganismos. Indo em contraponto com os tratamentos empregados na comunidade (gripes, asma etc.).

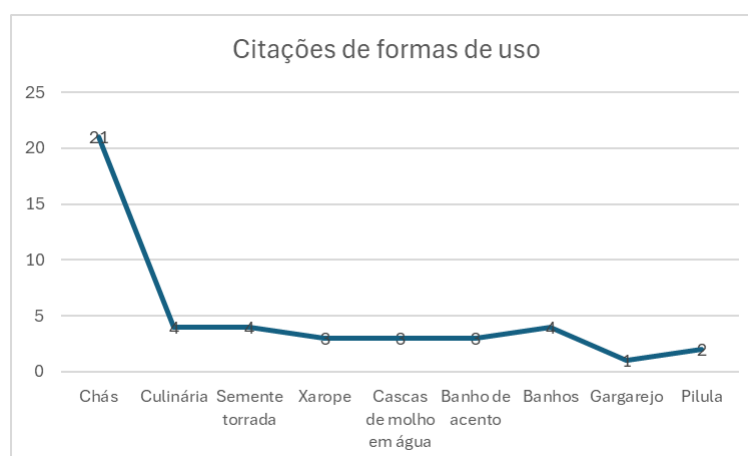
Nesse sentido Oliveira (2020) traz:

Frações de *A. cearensis* apresentaram capacidade antifúngica relevante. Destacando em sua composição várias substâncias dentre eles os compostos fenólicos, ácidos orgânicos e alguns polifenóis que possuem relatos na literatura com efeito antifúngico que podem ter contribuído para a atividade isolada e sinérgica dos testes realizados (Oliveira, 2020 p.59).

Essa ampla variedade terapêutica abordada na literatura ressalta a importância dessa espécie na medicina popular e no conhecimento empírico relacionado à mesma no contexto dessa comunidade tradicional. Além disso, a presença de compostos identificados segundo Lima *et al.*, (2013) como cumarina e flavonoides, pode justificar os tratamentos realizados através da medicina popular, reforçando a importância da integração entre o conhecimento popular das localidades rurais e a pesquisa científica para a validação, valorização e sistematização desses usos tradicionais das plantas medicinais.

O modo de preparo das plantas medicinais é de suma importância para o efeito fitoquímico que cada espécie possui. Assim foi possível observar as formas de uso das plantas medicinais citadas na entrevista gráfico 2, sendo elas o preparo do chá (cocção), na culinária, o consumo de sementes torradas, xarope, banhos de assento, banhos com os chás (corpo inteiro), gargarejo, e a produção de pílulas. O chá (cocção) foi a forma de preparo mais utilizada pelos entrevistados.

Gráfico 2: Formas de uso.



Fonte: Criada pelos autores, 2025

A eficácia e a segurança dos remédios caseiros são garantidas através das boas práticas construídas por raizeiras, seus coletivos e redes solidarias, fundamentadas no conhecimento tradicional e nas experiências das raizeiras, a partir dos seus valores culturais e espirituais (Gomes *et al*; 2021). Sobre essa perspectiva é de suma importância a transmissão geracional desses conhecimentos etnobotânicos das plantas medicinais e suas diversas formas de utilização dentro das comunidades tradicionais, para garantir o empoderamento dos sujeitos a partir do conhecimento sobre a flora do bioma na qual estão inseridos e das plantas exóticas, para que assim possa fortalecer a população da localidade.

É possível analisar nesse contexto que dentre 24 entrevistados, 23 responderam que esses conhecimentos sobre a utilização de plantas medicinais é uma transmissão geracional, ou seja, foi transmitido principalmente por pais, avós e bisavós, de forma oral e prática, fortalecendo a herança cultural da comunidade quilombola de Caldeirão de Uibaí. Em relatos foi observada a circulação dessas informações de vizinhos, pessoas mais velhas que não fazem parte do seio familiar, ressaltando assim o valor comunitário de comunidades tradicionais. Essa transmissão intergeracional possibilita que a identidade cultural e os conhecimentos populares sejam transmitidos e valorizados para as próximas gerações.

Esse conhecimento popular interligado ao bioma caatinga onde a comunidade está fixada está ligado diretamente à valorização do bioma e conservação da biodiversidade do mesmo.

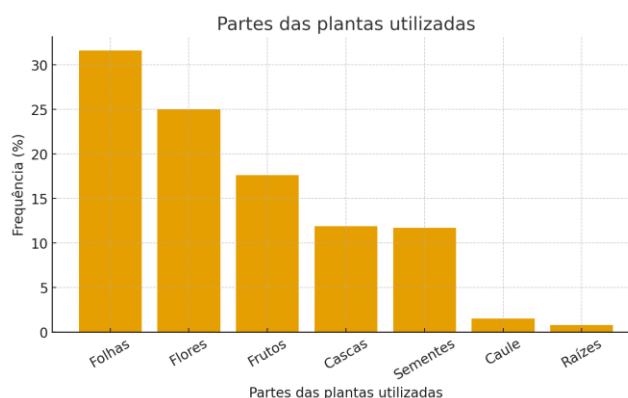
Nesse sentido, Gomes *et al* traz:

A prática da medicina tradicional está associada à conservação da biodiversidade dos biomas brasileiros, uma vez que os praticantes sabem identificar e coletar cada planta de forma sustentável atentando principalmente para a continuidade de sua reprodução e deixando frutos e sementes para a alimentação de animais silvestres. Sendo assim, as práticas tradicionais de cuidado com a saúde devem ser consideradas como ações de conservação da biodiversidade e das águas, nos diferentes biomas brasileiros (Gomes *et al*; 2021 p.485)

Dessa forma, as práticas observadas na comunidade de Caldeirão de Uibaí corroboram com o que é apontado por Gomes *et al*. (2021), pois de acordo com seu conhecimento tradicionais e a citação de plantas medicinais da caatinga de acordo com a tabela 1, foram identificadas 12 espécies do bioma caatinga. Segundo Nogueira (2021) a relação estabelecida entre comunidades tradicionais e a terra que historicamente ocupam nesses territórios se tornam símbolo das experiências histórica e coletiva.

Nesse sentido as partes utilizadas das plantas na medicina popular interferem no quesito da sustentabilidade do uso do recurso natural, pois a partir do manejo com a colheita das espécies medicinais indica a relação dos indivíduos para com o bioma. Assim nessa perspectiva as folhas foram a parte utilizada (gráfico 3) mais citada nas entrevistas, essa predominância pode indicar a facilidade da coleta das folhas e galhos, justificando assim a forma de utilização mais citada (o chá).

Gráfico 3: Parte das plantas utilizadas.



Fonte: Criada pelos autores, 2025

Foi possível observar que as citações mencionadas da faixa etária entre 37 a 80 anos envolvem principalmente plantas da caatinga e algumas exóticas, já na faixa etária de 20 a 23 anos foram citadas apenas plantas exóticas, demonstrando assim a perda da utilização de determinadas espécies nativas do bioma caatinga, o que prejudica o empoderamento dos sujeitos do campo e a valorização do bioma.

Dessa forma a etnobotânica com foco nas plantas medicinais da caatinga e exóticas exerce papel central na preservação do conhecimento popular e sua sistematização. Possibilitando o aprofundamento teórico sobre os saberes empíricos.

4. Conclusão

A compreensão da utilização de plantas medicinais nativas do bioma caatinga e espécies exóticas na comunidade quilombola Caldeirão de Uibaí-Ba, sistematizando assim os saberes tradicionais que envolvem o uso dessas espécies na medicina popular da localidade. Possibilitado pelo estudo da etnobotânica com foco nas plantas medicinais da caatinga. Permitiu o cumprimento dos objetivos a partir do registro das espécies citadas na utilização da medicina popular, sendo as principais a hortelã (*Mentha spicata*), a aroeira (*Schinus terebinthifolia*), a umburana de cheiro (*Amburana cearensis*) e o alecrim (*Rosmarinus*

officinalis), além dos registros das formas de uso e partes das plantas mais utilizadas no tratamento e prevenção de doenças.

Os resultados evidenciam que as plantas medicinais da caatinga e principalmente as exóticas ainda são consumidas na medicina popular e práticas religiosas pelos indivíduos da comunidade objeto de pesquisa. Porém é perceptível a perda da transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre as espécies nativas, processo que interfere na desvalorização cultural e do bioma como todo.

Dessa forma é de suma importância o estudo da etnobotânica com foco nas plantas medicinais, pois possibilita a sistematização dos conhecimentos empíricos e a valorização do mesmo a partir do saber científico. Possibilitando a garantia do empoderamento e permanência do sujeito no campo.

Considerando a relevância dos saberes tradicionais e o risco de sua perda gradual, é necessária a promoção de ações de educação ambiental, momentos formativos e de informes sobre o tema dentro das comunidades tradicionais e rurais, para que a transmissão intergeracional aconteça e seja valorizada com garantia de sustentabilidade e pertencimento cultural da caatinga e todas suas funções ecológicas.

5. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; LINS NETO, Ernani Machado de Freitas. **Seleção de participantes da pesquisa.** In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CRUZ DA CUNHA, Luiz Vital Fernandes; ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega (org.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.* Edição 1, Recife: NUPEEA, 2010, p.23-37.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da (org.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.* Recife: NUPEEA, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da (org.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.* 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. p. 41-64.

AMOROZO, Maria Christina de Mello; VIERTLER, Renate Brigitte. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da (org.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.* 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. p. 67-82.

ARAÚJO, Amanda Miguel; RODRIGUES, Erimáigna de Moraes; MOURA, Debora Coelho. **Etnobotânica Das Plantas Medicinais No Município De Parari, Paraíba, Brasil**. Geosul, Florianópolis, v. 36, n. 78, p. 659-679, jan./abr. 2021

BARBOSA, Daniela de Araújo. **Etnobotânica Fitoquímico de Sideroxylon Otusifolium (Roem. & Schult.) T.D. Penn (Quixabeira) Cabaceira, semiárido da Paraíba**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2018.

BRAGA, N. S. M.; TENÓRIO, A. G.; SILVA, C. B. V.; OLIVEIRA, E. R.; PIRES, L. L. S.; SANTOS, A. F. Ação antibacteriana e composição fenólica do óleo essencial dos frutos de *Schinus terebinthifolius* Raddi frente a patógenos multirresistentes. *Revista Virtual de Química*, v. 12, n. 5, p. 1057-1065, 2020. Disponível em: <https://rvq.s bq.org.br/pdf/v12n5a02>. Acesso em: 03 nov. 2025.

BRITO, Ingrid Raiane Souza de. Extração e efeito bactericida do óleo essencial da casca da aroeira e da pimenta-rosa fruto (*Schinus terebinthifolius*). **Petrolina: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, 2022**. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1051/1/TCCEXTRA%C3%87%C3%83O%20E%20EFEITO%20BACTERICIDA%20DO%20%C3%93LEO%20ESSENCIAL.pdf>

BUENO, J. de F. Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa. **Brasília: CAPES, 2018**. Disponível em: [00 SEM 7 Met Quant Qual Mist Pesq.indb](#) . Acesso em: 17 jun. 2025.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Aroeira-pimenteira: Schinus terebinthifolius*. **Espécies arbóreas brasileiras**. Embrapa Florestas, 2003. v. 1, p. 159-168. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1140197/1/Especies-Arboreas-Brasileiras-vol-1-Aroeira-Pimenteira.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025

CARVALHO, Camila Regina Silva de. **Potencial antioxidante e teor de compostos fenólicos dos chás de hortelã (*Mentha spicata*), camomila (*Matricaria chamomilla*) e capim-cidreira (*Cymbopogon citratus*)**. Monografia (Bacharelado em Biotecnologia) — Instituto de Biotecnologia, Universidade Federal de Uberlândia, Patos de Minas, MG, jul. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/25959/4/PotencialAntioxidanteTeor.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2025

CUNHA, Luan Ferreira da; JORGE, Jessica Moreira; RIBEIRO, Tarcyso dos Reis; ALVES, Milene Pereira. A utilização da aroeira na medicina tradicional: uma abordagem científica. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro – REMUNOM*, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2025. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/3746/3784>. Acesso em: 03 nov. 2025.

GOMES, Laura Barroso; DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. Medicina Tradicional Brasileira. In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz; São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 483–488.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Uibaí. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/uibai.html>. Acesso em: 16 maio 2025.

JARDIM BOTÂNICO do Rio de Janeiro. *Reflora – Herbário Virtual*. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br>. Acesso em: 4 nov. 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, L.R.; CAVALCANTE, R.R.L.; MARTINS M.C.C.; PARENTE, D.M.; CAVALCANTE, A.A.M.C. Avaliação da atividade antiedematogênica, antimicrobiana e mutagênica das sementes de *Amburana cearensis* (A. C. Smith) (Imburana-de-cheiro). *Revista brasileira de plantas medicinais*, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/wkZR6qz67SQXgJRgQM7Frwn/>. Acesso em: 04 de nov. de 2025.

MACHADO, J. R. F. *Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo*. *Revista DevIR – Educação, Cultura e Sociedade, Lavras*, v. 7, n. 1, e697, 2023. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/697/489>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MARTINS, T. D. *Caldeirão de Histórias: História Regional e Local*. Amazon Serviços de Varejo do Brasil Ltda., 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B09P6S6C2Y>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MININEL, F. J.; MININEL, S. M. X. *Fitoquímica de drogas das folhas e frutos de Schinus terebinthifolia Raddi (aroeira vermelha) e avaliação da capacidade antifúngica dos frutos*. *Revista Científica*, 07 maio 2025. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/fitoquimica-de-drogas-das-folhas-e-frutos-de-schinus-terebinthifolia-raddi-aroeira-vermelha-e-avaliacao-da-capacidade-antifungica-dos-frutos>. Acesso em: 03 nov. 2025.

NOGUEIRA, Mônica. Povos e Comunidades Tradicionais. In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (orgs.). *Dicionário de Agroecologia e Educação*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz; São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 603-608.

OLIVEIRA, Maria Tatiana Alves. *Avaliação da atividade antimicrobiana de extrato aquoso e frações derivadas de sementes de cumaru [Amburana cearensis (Allemão) A. C. Smith] associadas à antimicrobianos*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/a60afa27-d56d-43ac-ad7c-ef03cf0d5471/download>. Acesso em: 4 nov. 2025.

PEREIRA, T. F.; CASTRO, D. R. de. A preservação da cultura popular uibaiense como mote para o trabalho em educação ambiental: uma via de mão dupla. In: BAPTISTA, Geilsa Costa Santos; PINHEIRO, Paulo César; FARIAS, Luiz Márcio Santos (Org.). *Educação científica por meio da interculturalidade de saberes e práticas*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 179-192. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34061>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PERES, T. R.; MEDEIROS, T. D. S.; SOARES, N. R. M.; ARRAES, D. R. dos S.; DA COSTA, M. K. V.; DIÓGENES, F. A. M. de S.; QUEIROZ, G. A. de; FARIAS, A. L. F.; CANTUÁRIA, P. de C.; SILVA, de A. S. S. M. Avaliação fitoquímica, toxicológica e antioxidante da espécie *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim). In: *Plantas Medicinais do Estado do Amapá: dos relatos da população à pesquisa científica*. Guarujá: Editora Científica Digital, 2021. p. 68-77. DOI: 10.37885/210404185. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/210404185>. Acesso em: 4 nov. 2025.

REFLORA. *REFLORA – Plantas do Brasil: resgate histórico e herbário virtual para o conhecimento e conservação da flora brasileira.* Reflora. s.d. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** São Paulo: Editora Atlas S.A, 2012.

SANTOS, Aires Cavalcante; CORDEIRO, Sandra Zorat. *Mentha cf. spicata* L. Família: Lamiaceae. Nome popular: hortelã ou menta. Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2020. Disponível em: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/mentha-spicata-l>. Acesso em: 31 out. 2025.

SANTOS, Paulo Sergio Ribeiro. **Etnobotânica: Práticas Pedagógicas No Ensino De Botânica Anos Finais Do Ensino Fundamental.** Universidade Federal Do Norte Dotocantins Campus De Araguaína Programa De Pós-Graduação Em Ensino De Ciências E Matemática, Araguaína/TO, 2023.

SILVA, Ryann dos Santos; LIBERATO, Maria da Conceição Tavares Cavalcanti. Propriedades da planta da hortelã e de seus compostos principais. In: LIBERATO, Maria da Conceição Tavares Cavalcanti (Org.). **Pesquisas Bibliográficas realizadas por alunos das disciplinas de Bioquímica e Química dos Alimentos**, Volume 4. Belo Horizonte: Poisson, 2023. p. 24-30. Disponível em: <<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/115485688/978-65-5866-271-6.cap-libre.pdf?...>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SOARES, Silvana Maria. **Etnobotânica E Plantas Mediciniais: Foco No Trabalho Das Mulheres.** Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Rio Grande Do Norte - Ifrn Campus Ipangaçu, 2023.

UIBAÍ acessado em 24/09/2024 [Uibaí \(BA\) | Cidades e Estados | IBGE](#) às 10:19 horas.

ZAIDI, S.; DAHIYA, P. *In vitro antimicrobial activity, phytochemical analysis and total phenolic content of essential oil from Mentha spicata and Mentha piperita.* *International Food Research Journal*, v. 22, n. 6, p. 2440-2445, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283524842>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SANTOS, Pamela dos; MAZAROTTO, Edson José; GREGÓRIO, Paulo César; FAVRETTO, Giane. Análise fitoquímica e avaliação in vitro da ação antimicrobiana do extrato fluido de alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e amélia (*Hamelia patens* Jacq.). **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 884-899, 2023. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/670/805> . Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA, A. A.; LOPES, J. C. Avaliação do potencial antimicrobiano do extrato da folha, caule e fruto de *Amburana cearensis*. In: **CONGRESSO MINEIRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**, 18., 2022, Patos de Minas: Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, 2022. Disponível em: <https://anais.unipam.edu.br/index.php/cmef/article/download/2207/1280> . Acesso em: 04 de nov. de 2025.

6. Anexos

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “Plantas Mediciniais Utilizadas Na Comunidade Tradicional Quilombola Caldeirão De Uibaí-Ba: Um Estudo Etnobotânico Sobre A Manutenção Dos Conhecimentos Da Medicina Popular”, sob a responsabilidade da pesquisadora Vanessa Almeida Machado. Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas.

Esse projeto prima pelos princípios e práticas éticas, principalmente quanto segurança da comunidade em relação à exploração por terceiros. Para isso, é fundamental o desenvolvimento de um plano de comunicação com a comunidade pesquisada, tornando-a ciente e envolvida nas discussões sobre a pesquisa (todas as etapas). A elaboração de um plano de comunicação em conjunto com representantes da comunidade-alvo, pode garantir a sua segurança quanto a veracidade e importância social da pesquisa, o que suscita a continuidade de participação do público representado. Isso está relacionado ao potencial de impacto social da pesquisa, principalmente a partir de uma intervenção responsável. Para isso, a pesquisa deve conduzir a ações que sejam comprometidas com a realidade e a transformação social, evitando práticas que possam causar danos.

Assim, defendemos nesse projeto o respeito pela autonomia dos pesquisados (tomar suas próprias decisões sobre participar ou não da pesquisa) e pela responsabilidade ética, produzindo conhecimento digno e compartilhando como suas descobertas serão feitas em cada uma das suas etapas, garantindo que as comunidades estejam informadas sobre as práticas de pesquisa, com ênfase em assegurar a não ocorrência de riscos da participação na pesquisa, além de providências para evitar danos, a exemplo do cuidado com o não reforço de estigmas e estereótipos, a partir da validação de instrumentos de pesquisa (entrevista e questionário) com os representantes da comunidade-alvo e consentimentos com participação (pesquisados em geral) em fotografias. Ganhar confiança com o grupo pesquisado é passo diferencial para êxito na condução da coleta de dados, o que depende do plano de comunicação inicial da pesquisa. Isso poderá minimizar constrangimento, ansiedade, estresse durante a entrevista e/ou aplicação do questionário, acompanhamento em atividades de observação de campo, entre outras atividades. Essas possíveis objeções podem ainda ser evitadas a partir da simplificação e/ou adequação dos instrumentos de pesquisa (linguagem oral/escrita) aos valores culturais dos pesquisado e/ou ao seu nível de escolaridade, deixando expressar livremente da forma como o faz no seu dia a dia, resguardando-lhe o direito de desistir em qualquer momento, ou responder apenas o que se sentir à vontade.

Ao seguir os princípios e práticas éticas descritas neste documento, os investigadores podem ajudar a garantir que as comunidades vulneráveis sejam protegidas da exploração e que os seus direitos sejam respeitados. Isso favorece a não aceitação pela comunidade de outras formas de desenvolvimento projetos que não primem pelos referidos princípios e práticas éticas.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- Essa pesquisa tem como objetivo geral conhecer a biodiversidade do Território de Identidade de Irecê-TII com ênfase nas plantas da Caatinga, suas formas de uso associadas a agroecossistemas para contribuir com a transição agroecológica.
- Quanto aos riscos e desconfortos, o maior risco é de sentir-se constrangido. Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunicar imediatamente ao pesquisador para que pare a pesquisa.

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa, com base nas informações oferecidas, podem envolver o desenvolvimento de ações que visem melhorar sua qualidade de vida e das demais pessoas da comunidade.

- Essa pesquisa fornecerá as seguintes medidas protetivas: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações. Além disso, os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Esclarecemos ainda que nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

O (A) Sr. (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo algum. As informações obtidas nesta pesquisa ficarão armazenados em pastas de arquivos, sob a responsabilidade dos pesquisadores, na Universidade do Estado da Bahia, no endereço BA 052, Km 353, Estrada do Feijão, Irecê, BA, CEP: 44867-770, por no mínimo 5 anos.

Destaca-se ainda que não haverá exploração econômica de produto acabado ou material reprodutivo oriundo de acesso ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado, mas sim uma disponibilização justa equitativa dos benefícios derivados mediante conhecimentos e/ou materiais tecnológicos produzidos dentro do cronograma apresentado, sem prejuízo dos direitos de propriedade material ou imaterial que incidam sobre o patrimônio genético ou sobre o conhecimento tradicional associado acessado ou sobre o local de sua ocorrência..

A assinatura deste termo é um acordo prévio entre as partes sendo informado, no caso do acesso ao conhecimento tradicional associado (CTA) ao Patrimônio Genético (PG) conforme previsto no art. 9º da Lei nº 13.123, de 2015 que este documento representa a adesão.

O entrevistador e equipe estarão identificados com informações sobre a pesquisa e a UNEB, seja com crachá, roupa ou apresentando documento de membro da equipe.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura ou impressão datiloscópica do/a participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador/a responsável

Data: ____/____/____

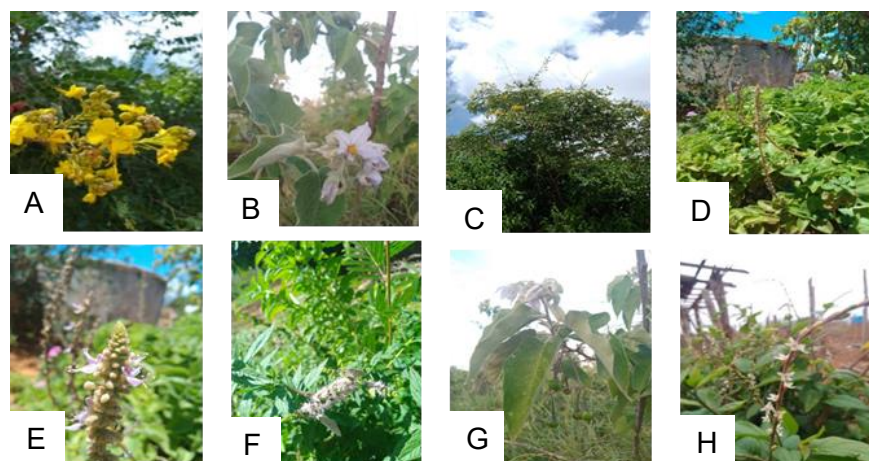
Fonte: Elaborado pelo colegiado de Agroecologia, 2024.

Anexo 2: Questionário elaborado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Ambiental (NEPEA)

| Número | Questões |
|---------------|--|
| 1 | Nome Completo |
| 2 | Idade |
| 3 | Localidade |
| 4 | Escolaridade |
| 5 | Quais plantas Medicinais você utiliza para prevenção ou tratamentos de doenças? |
| 6 | Fale um pouco sobre a planta? (tamanho, cor, produz flores e frutos, são comestíveis etc.) |
| 7 | Como se utiliza essa planta? |
| 8 | Esse conhecimento já vem dos antepassados? (pais, avós etc.) |
| 9 | O uso dessa planta aqui na comunidade é comum? |
| 10 | Para a utilização ela pode ser colhida a qualquer hora do dia? |
| 11 | Quais são as partes dessa planta que é utilizada? |
| 12 | Os efeitos são diferentes a depender da parte da planta usada? |
| 13 | Tem alguma recomendação ou contraindicação para usar essa planta? |
| 14 | Essa planta é cultivada ou encontrada na caatinga? |
| 15 | O que tem nela que não deixa ser confundida com outras? |
| 16 | Essa planta é encontrada o ano inteiro ou em períodos específicos do ano? |
| 17 | Para que ela é utilizada? |

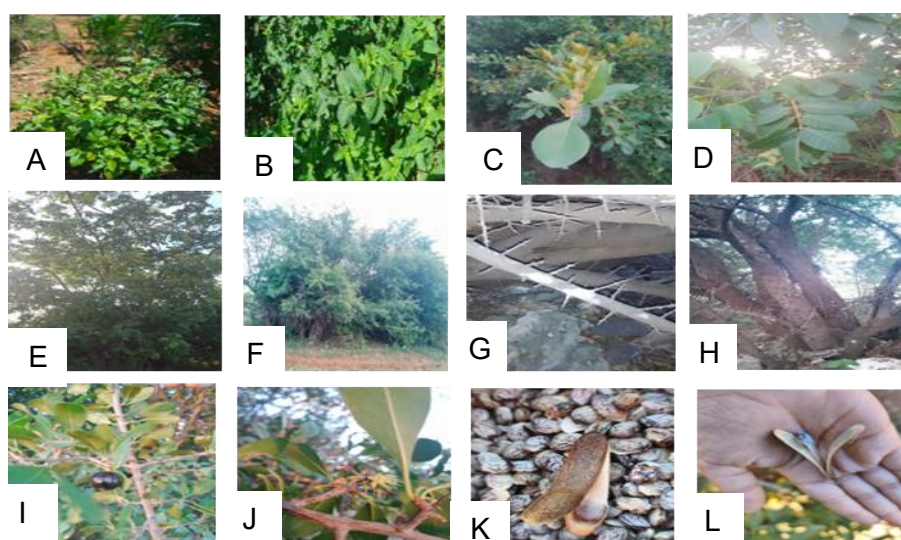
Fonte: NEPEA, 2024

Anexo 3: Catingueira (A); Jurubeba (B); Catingueira(C); Malvão (D e E); Hortelã(F); Folha Jurubeba (G); Guiné(H).



Fonte: Machado, 2024.

Anexo 4: Guiné (A); Hortelã (B); Quixaba(C e F); Aroeira(D e E); Galhos da Quixaba(G); Tronco da Quixaba(H); Frutos e folhas da Quixaba(I e J), Semente da umnurana de cheiro(K e L).



Fonte: Machado, 2024.